

# Incêndios na Amazônia não diminuíram em 88

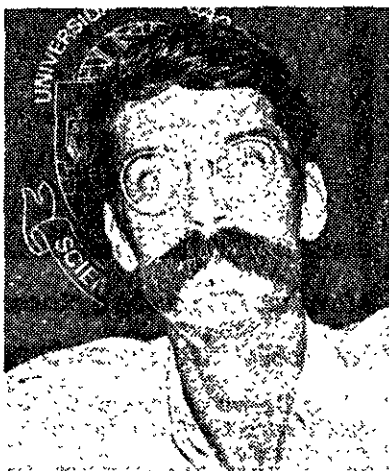
GETÚLIO ALENCAR

Os incêndios na Amazônia legal este ano queimaram no mínimo área igual à consumida pelo fogo em 87 — cerca de 20 milhões de hectares —, de acordo com dados parciais do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe). Até março, o instituto pretende divulgar o resultado final da interpretação das fotos do satélite meteorológico NOAA-9.

As informações dadas pelo pesquisador Alberto Setzer, do departamento de Meteorologia do Inpe, o doutor em ecologia e um dos mais respeitados especialistas em Amazônia, o norte-americano Phillip Fearnside, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), acrescentou que imagens recentes do satélite Landsat indicam que só no Pará aproximadamente dois milhões de hectares foram devastados pelo fogo, aumentando para 10% o total de florestas já destruídas no estado.

Fearnside recebeu semana passada menção honrosa do II Prêmio Nacional de Ecologia, instituído pela Companhia Vale do Rio Doce, Petrobrás e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por seus estudos sobre a capacidade de suporte humano da floresta amazônica. Segundo ele, é possível que as queimadas este ano tenham devastado mais de 20 milhões de hectares de florestas, campos e cerrados. E contribuíram com pelo menos cinco bilhões de toneladas de gás carbônico emitido para o ambiente, o que agrava os problemas decorrentes do superaquecimento da atmosfera, fenômeno conhecido como efeito estufa.

O processo de devastação da Amazônia, apesar dos protestos nacionais e internacionais, avança a uma velocidade correspondente à área de um campo de futebol a cada cinco segundos ou equivalente à do Estado de São Paulo por ano. Se não for freado a tempo, breve restarão apenas cinzas da mais exuberante floresta tropical do planeta, assim como ocorreu com as florestas do Paraná. "No início do século passado, se dizia que o Paraná tinha tanta mata que jamais a floresta desapareceria, mas poucas décadas depois toda a cobertura vegetal do estado havia desaparecido", adverte Fearnside, que



Darcy Cardoso/AE

Fearnside: alerta

há 12 anos estuda a ecologia amazônica.

O desmatamento, segundo ele, tem ocorrido mais intensamente em Rondônia, Mato Grosso e no Acre e cresce como a inflação brasileira. Esses estados, conforme explicou, são os que abrigam a maior leva de migrantes do Sul do País, expulsos do campo pela mecanização da lavoura. "Na cultura da soja, por exemplo, para cada pessoa que consegue emprego há 11 são despedidas", explica Fearnside.

Uma projeção "conservadora", feita com base nas imagens do satélite NOAA-9, revela que 17,1% de Rondônia já foi desmatado.

Em razão desses números, o especialista do Inpa desencorajou a derrubada da floresta para a abertura de pastos ou plantação de capim. Seus estudos revelam que em Rondônia a produção de campim se reduz com o tempo por causa da ausência de fósforo no solo e, entre outras razões, também devido à erosão, mais intensa nas áreas de pastagens do que na floresta.

A derrubada da floresta, além de trazer poucos resultados econômicos, provoca efeitos nocivos ao regime de chuvas de toda a região amazônica, explica Fearnside. "Na floresta a terra absorve a água, que alimenta as raízes das árvores e volta para a atmosfera através da transpiração das folhas. O ciclo se completa com a transformação das nuvens em chuva. Esse fenômeno representa mais da metade de todo o ciclo hidro-

lógico da região, com efeitos no regime de chuvas de toda a América do Sul", afirmou.

O pesquisador também chama a atenção para a instalação das usinas de ferro-gusa ao longo da estrada de ferro Carajás-São Luís. Nenhuma das 11 fábricas projetadas tem Relatório de Impacto Ambiental, exigido pela legislação federal. A primeira usina, em Açailândia, começou a funcionar em janeiro, e, a segunda, em Marabá, em março, com a utilização de carvão vegetal. "Para produzir 2,8 milhões de toneladas por ano terão de ser derrubados mil quilômetros quadrados de floresta", prevê Fearnside.

## PREVENÇÃO

Com a elevação do preço da madeira no mercado internacional a partir de 1983, provocada pelo fim das florestas tropicais na Ásia, as serrarias clandestinas instaladas na Amazônia passaram a ser milhares. A madeira mais explorada é o mogno. Mas, de acordo com o especialista do Inpa, a cada 15 dias um grande navio carregado de toras de madeira de todos os tipos parte do porto de Itacoatiara, Amazonas, com destino à China.

Phillip Fearnside comentou também o Plano 2010 das Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A. (Eletronorte), que prevê a construção de 76 usinas hidrelétricas e 85 barragens na Amazônia, o que provocaria a inundação de cerca de 2% da região. Ele lembrou que só a hidrelétrica de Balbina inundou 2.360 quilômetros quadrados da floresta, numa extensão de 150 quilômetros; formou 1.500 ilhas e bilhões de litros de água estagnada, além de provocar a perda de milhões de metros cúbicos de madeira. "Fora isso a hidrelétrica custou cerca de US\$ 1 bilhão (Cz\$ 600 bilhões) para produzir miseráveis cem megawates de energia", lamenta Fearnside.

Na opinião do ecologista, as principais causas do desmatamento na Amazônia poderiam, pelo menos, ser evitadas se o governo acabasse com a especulação das terras. Fearnside sugere também a criação de um imposto sobre a valorização das terras, a proibição de abertura de estradas para áreas de solo infértil e o corte de todo tipo de incentivo para a instalação de atividades econômicas na região.